



A NOÇÃO FOUCAULTIANA DE DESSUBJETIVAÇÃO: ALICERCES, EXPERIÊNCIAS E MODOS DE AGIR DO SUJEITO

THE FOUCAULDIAN NOTION OF DE-SUBJECTIVATION: GROUNDWORKS, EXPERIENCES AND SUBJECT'S WAYS OF ACTING

Nilton Milanez¹

RESUMO

Apresento, neste artigo, as condições em que Michel Foucault escreveu sobre dessubjetivação e, também, organizo as leis que orientam as bases dessa conceitualização, destacando a hipótese e metodologia dessa empreitada. Remonto a autores e obras que auxiliam na delimitação do campo teórico da experiência, em especial, a experiência-limite. Trata-se de alicerces discursivos que fomentaram a problematização da dessubjetivação em Foucault a partir de Bataille, Blanchot, Klossowski, Nietzsche e Canguilhem. Para tanto, indico e discuto onze possibilidades que o sujeito pode enfrentar durante um processo de dessubjetivação como experiência interior de si face a processos de subjetivação. Por fim, coloco em pauta as relações entre dessubjetivação, subjetivação e os modos de reinvenção do sujeito por meio de uma possível ressubjetivação.

PALAVRAS-CHAVE

Dessubjetivação. Subjetivação. Ressubjetivação. Experiência-limite. Foucault.

ABSTRACT

I introduce in this article the conditions within Michel Foucault wrote about de- subjectivation, and I also organize the laws guiding the basis of that conceptualization, highlighting the hypothesis and methodology of such an enterprise. I resumed authors and works collaborating to the theoretical domain delimitation on experience, specially, the limit-

¹ Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (2007). Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1403266753468089>. E-mail: nilton.milanez@gmail.com.



experience. It is referred to discursive foundations which rise the problematization about de-subjectivation on Foucault's works from Bataille, Blanchot, Klossowski, Nietzsche and Canguilhem. Therefore, I point and discuss eleven possibilities the subject could face during a de-subjectivation process as part of an inner experience of the self-confronted to processes of subjectivation. Finally, I emphasize the relations among de-subjectivation, subjectivation and the modalities of the subject reinvention through a possible resubjectivation.

KEYWORDS

De-subjectivation. Subjectivation. Resubjectivation. Limit-experience. Foucault.

DESSUBJETIVAÇÃO: UM INÍCIO POR QUAIS VIAS?

Mexeu comigo me deparar com uma noção como essa de dessubjetivação, quando as teorias foucaultianas do discurso já me pareciam um pouco, aqui e ali, estabilizadas. Em estágio pós-doutoral em 2010-2011, na Sorbonne Nouvelle, foi que dei de encontro com a noção de dessubjetivação ao investigar a questão das Luzes em Foucault. No livro *Foucault et LesLumières*, publicado anos antes, em 2006, me surpreendi com a proposta de estudo de Mathieu Frackowiack (2006), que apresentava a leitura que Foucault tinha feito dos *Dialogues* de Rousseau, considerando uma experiência de loucura que desembocaria na manifestação da autoria e seu apagamento.

Ouvi o que me atraía no fato de o sujeito transgredir os limites da disciplina que se nos impõem e a nossos discursos, ultrapassando os próprios limites da subjetividade. Essa ruptura com a subjetividade, entendi, portanto, é que causaria uma fissura no processo de subjetivação, aquilo que faz com que passemos de indivíduos a sujeitos, fazendo trincar a subjetividade, culminando na dessubjetivação do sujeito, alienado então de si. Isso passou a ser para mim mais uma provocação teórica que eu



ajustaria junto com a dimensão social dos modos de se diagnosticar as experiências históricas do presente dos sujeitos.

Esse sobressalto que tive com a noção foucaultiana de dessubjetivação me levou a rever e retornar, em um primeiro momento, as discussões de Foucault sobre a constituição do sujeito, a produção das subjetividades e o processo de subjetivação. Muito brevemente e de modo bastante didático, fiz isso a partir da análise do relato de Dolores, que problematizei em um artigo chamado *A dessubjetivação de Dolores* (MILANEZ, 2013). Com a perda de sua identidade, ao suspender seus preceitos religiosos, a fim de atender as práticas sexuais de um amante virtual, Dolores se distancia vertiginosamente do sujeito católico que a constituiu e é internada em uma instituição para tratamento de sua saúde mental. A empreitada de dessubjetivação pela qual Dolores passou demonstra² como os laços que ligam o sujeito à singularidade de sua subjetividade, ainda que a coajam e a restrinjam seu uso dos prazeres, era o manto que vestia seu corpo para o processo de subjetivação necessário, que nos reafirma em uma sociedade normalizada. A experiência de Dolores a colocou no limite de si mesma, orientando e abraçando um longo interstício de busca de si. Uma história com um presente que nunca a abandonou e que ecoou fortemente em mim.

Foi na ligação entre essas duas experiências que a noção de dessubjetivação se tornou, para mim, um objeto de estudo e análise das matrizes de condutas às quais estamos vinculados. Parte do processo

² Dolores, ela mesma, aceitou meu convite de participar do Seminário “Querida Alexina: intersexualidade, corpo e discurso”, que ministrei em 2019, tendo gravado um vídeo e respondido questões do corpo discente do curso. Essa investida pessoal de Dolores, em falar ainda mais uma vez de seu processo de dessubjetivação, virtual, em vídeo, mas que considero ‘ao vivo’, porque viva, pode ser acessada na página do Seminário no Facebook, a partir deste link <https://fb.watch/6vrL3joj9d/>.



teórico de escrita sobre essas questões já tinha sido indicado e até mesmo desenvolvido no documentário *Dessubjetivação e corpo* (MILANEZ, 2019), em trabalho apresentado no primeiro encontro da Anpoll no GT de Estudos Discursivos Foucaultianos, em 2018. Nesse trabalho, focalizei o estudo da dessubjetivação de HerculineBarbin, mulher intersexual francesa que viveu no século XIX, cujas memórias foram apresentadas por Foucault em *O diário de uma hermafrodita* (1978; 1982). As audiovisuais sobre as quais trabalhei nesse vídeo didático-pedagógico me ajudaram a situar de modo mais efetivo a noção de dessubjetivação em Foucault, me dando a possibilidade inclusive de revisitar, em específico, o filme *Mystère Alexina*, de René Féret, lançado em 1975, em referência aos estudos foucaultianos sobre HerculineBarbin (MILANEZ, 2018), assim como estabelecer contato com as reportagens da mídia francesa sobre o filme.

No correr desse percurso é que me encontro, aqui, hoje. Para tanto, vou estabelecer, inicialmente, em que condições Foucault falou de dessubjetivação, buscando organizar as leis que me parecem orientar as bases da conceituação de dessubjetivação, tais como sua hipótese e uma possível metodologia. Seguindo assim, vou me amparar em algumas relações que dão contorno à noção de dessubjetivação, remontando a autores e obras que delimitaram o campo teórico de Foucault. Esse remontar a textos nos quais Foucault se lançou, não significa uma sistematização dessa leituras, de outro maneira, principalmente, gostaria de colocar como compreendi essa leituras e de que modo, hoje, é possível referenciar perspectivas potencialmente dessubjetivantes. Sob esta medida, procuro, enfim, constituir os aspectos que sustentam o que Foucault denominou de dessubjetivação e que dela se depreendem, a meu ver, sob modos de agir do sujeito, formando um quadro de práticas



vivenciadas por um sujeito no limite de si durante o doloroso, mas também regozijante, processo de dessubjetivação.

DESSUBJETIVAÇÃO: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE, HIPÓTESE E MÉTODO

Em 1978, o jornalista italiano Duccio Trombadori faz uma extensa entrevista com Foucault, que será publicada em 1980, considerando os grandes eixos de pesquisa de Foucault, questionando sobre a arqueologia do saber, sobre a morte do homem, as relações de poder-saber, a emergência das sociedades disciplinares, a ruptura com as ideologias, focalizando, sobretudo, as relações foucaultianas entre verdade e experiência. É essa vertente da experiência que nos interessa, acima de tudo, para pensar as práticas de dessubjetivação, uma vez que Foucault (1980, p. 290) insiste em dizer “Sou um experimentador, e não um teórico.”

A intersecção entre experiência e sujeito é a forma que Foucault encontrou para descrever sua escrita e demonstrar como ela impacta sobre ele mesmo, mudando seu modo de pensar, diferentemente do que fazia antes. Foucault (1980, p. 292) apresenta um problema a si mesmo, convidando também os outros a fazerem com ele “uma experiência do que somos”. Trabalhar a experiência deste modo não tem a ver apenas com olhar para trás no passado. Inclui, principalmente, voltar-se ao nosso presente e prestar atenção em como podemos dessa experiência sairmos transformados. Foucault propõe que produzamos essa transformação a partir de um conteúdo histórico. Por isso, a proposta de dessubjetivação de Foucault traz uma hipótese e se constitui ao mesmo tempo de uma teoria e de um método.



Sua hipótese gira em torno da problematização do sujeito, frisando o fato de que nossa constituição não está desenhada em consonância com a natureza, não há uma essência natural que diga quem somos. Foucault (1999) bate nessa tecla em *As palavras e as coisas*, ao demonstrar as categorias e taxionomias clássicas do discurso da natureza que propõe uma interpelação entre a conduta dos animais e das plantas com o comportamento do homem. Essa mesma ideia sobre o natural das coisas é perpetrada por Foucault (2001a) na noção de contranatureza, em suas aulas de *Os Anormais*, que leva a crucificar o sujeito que foge da lei pregada pela natureza e julgada pelo homem. Aliás, a metáfora do mundo animal é uma constante no trabalho de Foucault (2016), vide a primeira aula do curso *Subjetividade e Verdade*, cuja tomada do modo de vida conjugal do elefante servirá de modelo no mundo cristão para coagir o corpo sexual, retificar a monogamia, inculcar a impureza dos atos sexuais, calculando e reduzindo os afetos.

Do mesmo modo, tamanha a importância, devido a seu efeito excludente e segregacionista, Foucault (2019) insiste nessa questão em *As Confissões da Carne*, detalhando o decalque da natureza do qual o cristianismo se aproveitou para separar os sujeitos e submetê-los a uma ordem do matrimônio e da procriação sob a égide do que denominava contranatura. Portanto, vejo aí, nesse discurso de imposição ao sujeito em se conduzir e se assemelhar à natureza, uma prática dessubjetivante socialmente orientada não apenas na domesticação do sujeito, mas no esvaziamento do processo de subjetivação das sexo-afetividades que o sujeito pode experimentar.

Diante dessa hipótese para a qual insiste mostrar uma verificação, Foucault quer também fazer a demonstração por meio de um material



histórico, um tipo de prova que nos envia a seus trabalhos, suas referências e seu modo de colocar lado a lado ideias e fatos, demonstrando como se forma um esquema de organização com explicações que auferem ao sujeito uma condição dessubjetivadora. Decifrar o processo de dessubjetivação precisa, assim, de um método que dê a possibilidade de se verificar em que condições o sujeito, tendo passado por um processo de subjetivação social, vai se desvencilhar das próprias armadilhas que a sociedade lhe impôs para se constituir, arrancando-lhe aquilo que firmava sua identidade no mundo. Daí vemos a necessidade, ou melhor dizendo, a positividade do poder que nos exige uma tomada de posição corporal e sexual e que, finalmente, é o que constitui o nosso saber sobre a experiência de quem somos.

A experiência-limite é aquele lugar no qual o sujeito ultrapassa a sua própria subjetividade, a transgride, se desmorona nela. Essa aventura de transformação do sujeito sobre si poderá produzir uma transformação tão intensa e profunda, gerando um novo sujeito, levando a uma metamorfose completa desdobrada em outro sujeito ou em um nada, um vazio, sem forma. Nesse caso, a dessubjetivação propõe um caminho que leva, no processo de abandono do eu criado pelo processo de subjetivação do qual ninguém escapa, a uma recriação ou uma dispersão total do sujeito. Isso quer dizer que se o sujeito não vence essa luta de si para consigo diante das relações com o outro, que podem sufocá-lo no interior das práticas coletivas, o sujeito se perde de si, desfalece e antes de reinar novamente soberano de si, se dissolve, metaforicamente pulverizando em outros espaços ou realmente, de fato, desaparece porque, de fato, morre.

Temos, portanto, no processo de dessubjetivação essas duas empreitadas em suas extremidades, perder-se para encontrar-se, mas dependendo da



força das instituições no meio do caminho, o sujeito pode se lançar a um precipício sem ver a luz de seu novo dia. É, então, sobre uma hipótese e um tipo de método de destrinchamento do material histórico sedimentando o sujeito que Foucault falou pela primeira vez sobre essa “empreitada de dessubjetivação” (FOUCAULT, 2010, p. 291), tradução bastante adequada do original em francês, no qual Foucault pronunciou como *entreprise de dé-subjectivation*. Compreendo, desse modo, que não se tratava de um projeto como o da loucura, das prisões ou das questões do poder, mas de um *empreendimento* sobre o sujeito, que não o deixou em momento algum de suas investigações, desde seus estudos sobre a personalidade e a psiquiatria em *Psicologia e Doença Mental* até seus últimos escritos em *As Confissões da Carne*.

Para tanto, teria de falar já aqui das leituras que permearam a vida e obra de Foucault no que se refere à noção de dessubjetivação, que Foucault não tratou explicitamente em outro lugar, não ao menos com essa nomenclatura, senão durante essa entrevista ímpar, na qual Foucault abre o que se chamou de livro-experiência, ou que Duccio Trombadori (2005, p. 29) denominou em subtítulo a sua entrevista de “Come nasce un ‘libro-esperienza’”. Essa perspectiva aponta para um relação bem estabelecida entre ciência, sujeito e objeto, atribuindo à ciência um caráter de concepção e análise vinculados à experiência do sujeito em sua coletividade, uma experiência de si frente ao corpo social. Nesse intercâmbio, o sujeito se reconhece em sua experiência da vida social e identifica o objeto de sua demanda, que é plural, coletivo. Sujeito e objeto se encontram, enfim, em alinhamento nas camadas sedimentares da história para convergir ou se extubarem um do outro, de acordo com o *modus operandi* social de seu tempo.



UMA EMPREITADA DE DESSUBJETIVAÇÃO: ALICERCES DISCURSIVOS

As raízes históricas da empreitada de dessubjetivação se formam a partir da reciprocidade entre o sujeito da experiência e o objeto experienciado. Essa díade preenche o espaço de uma história real, que responde ao mesmo tempo às instituições e ao desejo. Estamos, então, entrando em uma área na qual “a experiência é tentar chegar a um certo ponto da vida que seja o mais perto possível do não passível de ser vivido. O que é requerido é o máximo de intensidade, ao mesmo tempo, de impossibilidade”, como descrito por Foucault (1980, p. 291) em sua conversa com Duccio Trombadori. Essa experiência que Foucault faz desfilarm sob nossos olhos vêm de fontes diversas de suas leituras, mas as duas bases que fundamentam a noção de dessubjetivação para Foucault fazem voltarmos nossa atenção a Georges Bataille e Maurice Blanchot, que sustentaram com suas problematizações a formação e análise das práticas de dessubjetivação.

Georges Bataille, em 1943, publica pela Gallimard, o livro *L'expérience intérieure*, desenvolvendo a ideia da materialidade histórica de uma servidão baseada em dogmas religiosos que estabelecem limites à experiência humana, impedindo-a de ir além dos horizontes que já se conhece. Maurice Blanchot mostra-se muito impactado pela escrita de Bataille em seu livro, originalmente em francês *L'entretien infini*, publicado em 1969 também pela Gallimard, intitulado no Brasil como *A conversa infinita*. Essa conversa infinita se torna um de seus temas e crítica sobre a experiência interior, apontando desenvolvimentos e prolongamentos sobre a questão, que se desdobram no que Blanchot cunha de *experiência-limite*. É nesse trabalho de Bataille e na releitura de Blanchot sobre ele que Foucault vai pensar a questão da linguagem e sua relação com o infinito, assim como compreender



o lugar do homem nas exterioridades da linguagem que permeiam os modos de agir o sujeito em um quadro de dessubjetivação. Ou seja, é de Bataille e Blanchot que vem a discussão de Foucault sobre a experiência-limite, implicando pontos particulares na fala de cada um desses fundadores da discursividade sobre a experiência para Foucault.

Bataille (1973) fixa a experiência interior sobre três bases, introduzindo uma crítica sobre a servidão dogmática em torno do misticismo, definindo a experiência como um lugar de autoridade e valor para o sujeito, à medida que insere a experiência em um método e a compreende no interior de uma comunidade. Em um primeiro momento, Bataille focaliza os desvios e limites que os dogmas religiosos podem impor ao sujeito, tirando-o do caminho da experiência. A experiência vai se colocar, nesse sentido, não como um saber dado, muito pelo contrário, se entende que a experiência é um tipo de não-saber, uma região na qual o sujeito não encontrará qualquer totalidade, unidade ou ancoragem para si. Nesse território compreendido por Bataille, o sujeito não tem o dever de ser, apenas cabe a ele religar-se, daí misticamente, a si, sem lugar, sem tempo, sem espaço, a própria criação de um nada. Em um segundo momento, explica como esse movimento do sujeito ao interior dele mesmo leva ao limite do impossível.

Sob esse desdobramento, se o sujeito aceita essa viagem para dentro de si é porque nega qualquer autoridade ou valor, religião ou crença que possa submetê-lo a uma ordem dada. Dado tal desengajamento a essa ordem, o sujeito realiza a existência de a própria autoridade sobre suas necessidades e desejos, se desprende de qualquer dogma que possa fixá-lo às normas daquilo que é possível ser. A própria experiência é posta em questão, levando a uma fusão do objeto com o sujeito por meio do desconhecido. Chegamos, então,



a um terceiro momento, no qual, depois da fusão do objeto com o sujeito, a vida passa a experimentar uma falta constitutiva, que não se dá a ver como um desfalecimento, mas como um êxtase, que se materializou pela autoridade do sujeito sobre si. Isso significa que o sujeito rejeitou os saberes que lhe eram servidos e destituiu-os em um não-saber. O não-saber, o despregar-se de si toma os contornos de uma salvação que são compreendidos como refutação à autoridade da norma. A refutação, o rechaço, o desprendimento da norma se instala como método para o sujeito fazer sua experiência interior e realizar a ascese em direção de si mesmo.

Blanchot, em *Conversa Infinita*, não deixará de buscar compreender os movimentos das pressuposições, argumentos e sentimentos de Bataille, falando de modo muito intenso sobre a experiência interior, que me esforço para sintetizar aqui em quatro pontos. Um, Blanchot entende a experiência interior como uma maneira pela qual o sujeito se consolida por meio de uma negação radical. Essa radicalidade insiste na ideia de que não há nada mais a se negar. Dois, trata-se, sobretudo de um “excesso de nada, esse vazio inutilizável” (BLANCHOT, 2007, p. 188), respondendo a uma demanda que não tem nada a ver com produzir, triunfar ou realizar seja uma obra, seja uma fala para exercer alguma utilidade. Antes disso, o excesso sem utilidade exige uma dependência do limite que busca mesmo é fracassar, falar de modo vão e ociosamente para materializar uma experiência interior. Três, fica claro, então, que a experiência interior colabora com um tipo de acontecimento o qual a possibilidade não é acessível a ele. Isso acaba fraturando o sujeito, fazendo-o transbordar e, nesse excesso, deixar escapar-se e exceder-se. Quatro, a experiência interior não tem o objetivo de se afirmar, pois ela respeita e se subordina a uma lei interna a si própria. Assim, Blanchot compreende o



porquêBataille diz que é a própria experiência que detém o momento de sua autorização, depois de desvalorizar tudo que se lhe impunha, dissolvendo até mesmo a ideia de autoridade.

Blanchot compreenderá esses interstícios de soberania do sujeito sobre si a partir de uma experiência interior, proclamando-a de *experiência-limite*. Vai definir o que Foucault vem chamando de experiência-limite, a partir de algumas modalidades de o homem se relacionar com o impossível a qual pode chegar, tais como: a) a experiência-limite é a decisão do homem de colocar uma questão que o deixa face à impossibilidade de não se deter diante de dogmas, verdades, interesses ou certezas de qualquer saber; b) a experiência-limite se define com o desejo mesmo de um sujeito sem desejo, contraditoriamente, marcando a presença de insatisfação de estar satisfeito, demonstrando a maneira do sujeito se realizar e se consumir efetivamente na falta, no vazio; c) a experiência-limite está fora de tudo que é exterior, pois não há nada a alcançar fora do próprio sujeito, senão ele mesmo, o encontro do inacessível com o desconhecido; d) o problema que a experiência-limite coloca é aquele de como o sujeito pode superar a totalidade ela mesma, uma vez que ele é, e somente ele, o objeto e resultado de sua ação; e) a experiência-limite torna-se a própria experiência, efetivamente para Blanchot (2007, p. 194) a “Experiência da não experiência”, ou seja, a experiência para a qual os limites foram derrubados e por atingir essa máxima é que passa a uma prática ascética da qual não se tem qualquer domínio. Perder-se de si, portanto, é o eixo para encontrar-se em uma experiência interior consigo próprio.

A força desses discursos, tanto das formações que Bataille apresenta quanto da revisitação que Blanchot faz de sua obra, leva Foucault a se debruçar sobre as questões da linguagem, da fala e dos desdobramentos do sujeito até



atingir a si mesmo em uma dispersão infinita em seu *Linguagem ao infinito*, assim como reconciliar a experiência interior em tudo aquilo que, segundo seu *O pensamento do exterior*, poderia colaborar com aquela conquista, mostrando que “o sujeito que fala é o mesmo que aquele pelo qual ele é falado” (FOUCAULT, 2001b, p. 219), explicando-nos como as fronteiras e os limites da experiência interior exigem do sujeito somente a si mesmo, refutando a história que o colocaria em processo de subjetivação, o que desemboca na sua autoridade sobre si, na valoração de si próprio, dessubjetivando-o de qualquer prática que pudesse refreá-lo em suas crenças, seus desejos, suas necessidades. Parece-me que esse é um filão dessa questão tão provocativa de Foucault. A história que nos constrange se torna uma limitação para o exercício da prática de uma experiência interior, ao mesmo tempo que nos coloca na berlinda diante de uma experiência-limite, um redobramento extremo sobre si mesmo.

A NOÇÃO DE DESSUBJETIVAÇÃO E SEUS MODOS DE AGIR SOBRE O SUJEITO

Ao tomar as referências da leitura desses alicerces discursivos que compuseram as ideias de Foucault na empreitada dessubjetivante, procurei tocar de perto a noção de sujeito e seu processo de subjetivação. O resultado foi um conjunto de elementos que caracterizam a experiência-limite que podemos viver, um livro-experiência de nossa vida do qual subjaz duas ondas possíveis entre a desintegração do sujeito e o retorno que ele pode fazer a si mesmo, governando-se de outra maneira. Vou me concentrar no interior dessas possibilidades de vida para o sujeito, indicando uma série de



modos de agir do sujeito. Quero apresentar, enumerar, e discutir um grupo de atitudes que acredito designarem a noção de dessubjetivação.

Apresento, a seguir, os aspectos constituintes da empreitada foucaultiana de dessubjetivação. Cheguei a elas ouvindo as experiências de leitura de Foucault com vários pensadores que atravessam sua fala durante a entrevista a Duccio Trombadori. Ali Foucault às vezes cita explicitamente, às vezes deixar ecoar uma porção de referências, não somente de Blanchot e Bataille, mas também de Klossowski, Nietzsche e Canguilhem, para citar apenas alguns, que intervém diretamente na formação desse outro modo de ser do sujeito, a dessubjetivação.

1. *O descentramento do sujeito.* Questionar a centralidade do sujeito significa dessoberanizar a identidade do sujeito como se ela estivesse vinculada apenas a si mesmo, tal é a problemática cartesiana sintetizada em ‘Penso, logo existo’. Limitar o primado do eu sobre todas as coisas gera uma crise pelo apartar do indivíduo com uma suposta reversão à origem de si, como aquele que vive em si, desconsiderando suas margens e territórios exteriores. A existência do sujeito é, assim, colocada em xeque, entrando em cena os questionamentos sobre a finitude do homem e os limites que o constroem em sua formação biológica, nos canteiros da linguagem e nas fronteiras com o trabalho, esquadros bem engajados e historicizados por Foucault em *As palavras e as coisas*. Não obstante, Foucault em *Arqueologia do Saber* apresenta as possibilidades do sujeito de se constituir por meio de acontecimentos discursivos, desalinhando o sujeito com um eu *per se*, ao colocá-lo no campo dos discursos. Dessa feita, o sujeito descentrado aparece na dispersão dos acontecimentos, na descontinuidade da história e se movimenta dentro de um arquivo de discursos que movimentam as



práticas de dessubjetivação. O corpo do sujeito, portanto, marcado pelos furos da história, se preenche pela intensidade dos saberes, às vezes de períodos curtos, outros longos, e pela pungência de um estrato social que demanda dele se tornar parte correspondente do corpo social. Os efeitos de um sujeito descentrado dão a ele a possibilidade de ser sempre outro, mas não sem antes ter que lutar contra o fato de ser apenas um servidor, um sargento às ordens de seu superior nas operações dos processos de subjetivação.

2. *Quebrar a relação do sujeito consigo.* A dessubjetivação parece começar por uma desregulação do sujeito com seu ambiente social, assujeitando-se a saberes e práticas de cada época. Quando o sujeito entra em relação de subordinação e assentimento a um poder que pode privá-lo de pensar e viver autonomamente, é porque já se instalou aí um processo dessubjetivante. À medida que o sujeito é ferido em suas condições participativas das demandas sociais em nome, por exemplo, de interdições sobre sua orientação sexual, sua expressão de gênero, sua identidade sexual, para ficarmos apenas no campo da sexualidade, ele está privado de estabelecer as relações que o definem como o sujeito que precisa se constituir para viver. Ali a dessubjetivação já está em curso. Em termos de sexualidade, as ciências da vida podem contribuir para o estopim desse processo ao conceituarem posições sobre condutas corporais normais e anormais, tendo aí Foucault (2005) seguido o caminho dos ensinamentos de Georges Canguilhem (2006). Por isso, se uma determinada política de vida se torna um empecilho se encarregando por ela mesma da vida de um sujeito, a intenta dessubjetivante pode ser devastadora, quebrando os laços sociais que ligam o sujeito a si.

3. *Arrancar o sujeito de si próprio.* A dessubjetivação, mais que uma metáfora, pode assumir a forma de um fórceps que violenta historicamente o



sujeito, execrando-o a deixar o corpo da formação do sujeito que o compunha. Trata-se de desligar o sujeito das táticas e técnicas de si durante seu processo de subjetivação, técnicas essas sem as quais jamais poderá ser o sujeito que a história dele próprio sustentou. Parece-me aqui que estamos perto daquela ideia, para Foucault (1979, p. 22), de que a história é que está “arruinando o corpo”, como escreveu em *Nietzsche, a genealogia e a história*, ao refletir sobre o embate do sujeito com a história. O sujeito se desintegra diante de seus próprios olhos como em um filme de super-herói, vencido pelo super-vilão da tradição, de uma história tradicional assassina. As tradições impedem as transformações e reduzem o corpo do sujeito a um mecanismo de sujeição a certos poderes que se arrastam na história, de ontem até hoje.

4. *Decepção e Desgosto total.* Há um momento que a interação do sujeito com os laços sociais em relação aos objetos da ciência, quanto a suas crenças, modo de ocupar os espaços, reinventar lugares, relacionar-se interpessoalmente, falha, se entristece, levando o sujeito a uma profunda decepção com os outros e consigo. Essa repulsa com o laço social que não contempla o sujeito, que o envia à margem ou que o expurga, ao final, das atividades sociais e do direito à cidadania, produz o sentimento de uma pequena falência de si e emerge por meio de estados de ânimo e uma grande emoção: o desgosto. O desgosto diante dessa violência afoga o sujeito em um vale sombrio, atrelando-o ao medo de viver, medo de se desintegrar por não ter espaço para si e ser obrigado a abdicar-se do sujeito que se tornou. Desgosto, então, emulado pelo medo que se transforma em pavor. O horror de não existir socialmente abala a unidade do sujeito, fratura-o, trincando o trato entre a vida do sujeito consigo e sua vida em sociedade. O sujeito perde o seu núcleo, desata o nó que o liga à realidade do dia a dia,



no uso da língua, no trabalho, nos afetos. A dessubjetivação que daí deriva se volta a um caráter ético-político que constitui a experiência. Quando a dessubjetivação, naquilo que pode ter de horrífica, mostra as suas garras, estamos no âmbito da força extenuante de um movimento radical para modificar uma sociedade que queremos diferente daquela na qual vivemos. “Nós desejávamos um mundo e uma sociedade não apenas diferentes, mas que fôssemos um outro nós-mesmos; nós queríamos ser completamente outros em um mundo completamente outro” (FOUCAULT, 2010, p.297-298). Diante do impossível dessa mudança, e dessa identificação com o social, é que se instala a dessubjetivação, uma decepção incontornável que abriga uma fortíssima reação em forma de esgosto, um desgosto total diante de esforço vencido pelo esgotamento, que enterra o sujeito vivo de retorno a sua tumba colonial.

5. *Quedas e perdas de si.* Os momentos, instantes de vida, podem ser fragmentos rápidos e esparsos de dessubjetivação e fazem parte de um dispositivo de saber. Isso tem a ver com uma maneira padronizada de o sujeito viver, porque é obrigado ao ato da penitência, de ter de confessar seu sexo, como faz sexo, como ganha a vida, mesmo que dela se perca como *homosoeconomicus*. A não correspondência com a exigência à ordem moral e econômica faz dele mesmo um espectro, vivendo instantes de dessubjetivação, como se tivesse um déficit na sua formação de sujeito, como se estivesse vinculado a um transtorno dado por um diagnóstico, pequenas e breves anormalidades cotidianas que fazem dele um desvairado. A ordem social calcada nos parâmetros de um tipo de matrimônio dado, de condições cristalizadas para as funções sexo-biológicas do sujeito, dizendo quem é homem, quem é mulher e quem tem de exercer qual papel, deixa o sujeito



vulnerável a quedas, que o tiram do paraíso e fazem viver seu pequeno inferno. Quem não lembra da dona-de-casa de Clarice Lispector, em *Amor*, que se perde a si no Jardim Botânico, depois de ter se enfrentado consigo mesma diante da visão de um cego e de seus ovos quebrados? A narrativa clariciana é um campo de experiências e êxtases de dessubjetivação. A dessubjetivação pode constituir, assim, marcas frequentes no sujeito, como um ir e vir para fora e para dentro de si. Obviamente, a constância desses ciclos, podem causar um furo em uma hora qualquer, momento em que a viagem para fora de si se torne uma viagem sem volta. Alguns, entretanto, se amparam nessa modalidade, a de desgarrar-se às vezes encobrando o massacre social de sempre sobre si. A queda se torna uma necessidade e uma urgência para perder-se de si de vez em quando, como uma válvula de escape, um fôlego mais longo, para continuar enfrentando um dever desestimulador e opressivo. Quem sabe, se pergunta o sujeito, adiando a completa dessubjetivação, se ganha o tempo para a transformação de que necessita? Como um sintoma social, a sociedade histericiza os corpos e os quer encurralados ao seu extremo, confrontando-os entre a dessubjetivação total e o processo de subjetivação que, mesmo diante da dor, pode confortá-lo. O controle que promove quedas e perdas de si disciplina o sujeito para que ele, tendo momentos de vazão de sua angústia e inconformismo, possa continuar a servir e desvestir-se das roupas e desarmar-se das armas de Jorge.

6. *A decomposição do sujeito e a perda de identidade.* Reconheço que há grades que subjazem tanto à formação quanto ao desmantelamento do sujeito. A decomposição de si coloca o sujeito à beira do precipício, uma atração para o Caos quando ele encara o abismo. O trajeto para chegar ao limite de si não vem em um salto a longa distância, mas está ali presente



no sujeito nas questões diárias, nos princípios que formam nossa cultura. A dessubjetivação se entrevê quando o sujeito sente essa relação de si com a cultura como um desvario, levando-o à perda do princípio com a realidade vivida em função de questões exteriores instituídas por discursos de autoridade, que desautorizam as marcas identitárias com as quais se identifica. Klossowski em sua leitura de Nietzsche questiona o modo como o indivíduo, que vive uma existência filosófica, pode se conformar a sua cultura, assumindo uma postura servil, com uma grande perda de respeito a si mesmo, não podendo mais dirigir ou se organizar diante de sua cultura. Ao perguntar “¿Qué significa actualmente para nosotros una existencia filosófica? ¿No es casi un medio de salirse del juego?, ¿una suerte de evasión?”, Klossowski (1995, p. 15) destaca o jogo de combate contra a cultura naquilo que ela tem de astúcia e engano no que se refere às imposições do que chama de guerras da religião e a conseqüente guerra moral que dali se desencadeia. No momento em que se confronta a ideia do desaparecimento de Deus, muitos deuses podem ocupar o seu lugar, decompondo o sujeito, não necessariamente desfacelando-o, se não fosse o caso de o sujeito estar submetido a moral de uma história das obediências, por uma consciência servil a seus costumes, conhecimentos, hábito e usos. Desse modo, o embate entre sujeito e cultura que sempre foram os recursos de um processo de subjetivação, acabam por limitar as investidas do sujeito de tal maneira, que à medida que o tempo passa, dessubjetiva suas relações com as fontes primordiais de sua concepção, destituindo-se de si mesmo, apertando demais os nós que o obrigam a se identificar com sua cultura, fazendo arrebentar o fio que o liga as suas próprias identidades.



7. *A dissolução do eu.* Essa condição extrema para o sujeito parece prever o corpo no centro da história. Foucault alinha o corpo enquanto uma superfície, que é marcado pelos acontecimentos, mostrando que o corpo é a arquitetado pela força da inscrição da história. O que produz, segundo Foucault (1979), essas inscrições? A linguagem é a resposta. Mas ao mesmo tempo em que o inscrever-se os acontecimentos sobre o corpo por meio da linguagem é uma forma de dar-lhe vida, Foucault nos diz que as ideias é que irão dissolver os corpos. Daí, temos algumas asserções importantes. Primeira, o corpo é o que constitui o eu. Segundo, a produção de saber, ou seja, como leio o que Foucault chama de *ideias*, é o responsável pela dissolução do corpo. Terceiro, emerge aí um interdito que impossibilita um determinado corpo por meio de uma pedagogia social engessada de ser outro corpo diferente do que a cristalização de uma conduta social lhe apresentou. A onnipresença castradora da inscrição de uma história que exige do sujeito ser o modelo da natureza, uma natureza clássica, de taxionomias e categorizações, não apenas o decompõem em partes, mas o dissolve na massa dos arquivos morais de seu tempo. A dessubjetivação se completa com a pulverização do sujeito de uma maneira em que ele não é compreendido nem mais é visto pela materialidade do corpo que um dia já apresentou.

8. *A explosão do sujeito.* De modo violento, a dessubjetivação pode fazer o próprio sujeito implodir, extirpar-se “em mil estilhaços” (Lebrun, 1985, p. 23). A forma de o sujeito separar-se de si não é por vias etéreas, pluridissolvidas sócio-histórica e culturalmente. De outro modo, funciona como uma bomba que respinga estilhaços em todos a seu redor. Por isso, o sujeito é visível, seus rastros são identificáveis, sua amargura persiste nos restos que deixou plantados na terra. No momento em que a dessubjetivação



vem violentamente com a raiva e o ódio social, o esmagamento é certo. O sujeito, naquele momento, se encontra acuado, submetido ao sistema judiciário de uma história corroída pela inquisição do prazer do outro. O sujeito é triturado pela máquina social, seus pedaços vagam por aí e um dia vão dar na cara de quem os explodiu. A dessubjetivação como medida atômica para a corrosão do sujeito quer um tipo estrito de subjetivação, da normatização aos bons costumes, de uma conduta dita limpa, que atende, é claro, aos falsos e pequenos governantes do sistema família-tradição-propriedade, velhuscos fora de moda, aos montes escondidos e falando com suas vozezinhas diplomáticas de censuradores aos pés dos ouvidos alheios.

9. *O aniquilamento do sujeito.* Essa função de morte vem como efeito da dissolução e da explosão do eu. Dissolvendo-se os eus, explodindo o sujeito, aniquilam-se os estratos da subjetividade que recheavam o corpo do sujeito. Aniquilar é uma tentativa de não deixar nenhum rastro, nenhuma pegada, cancelando a história que precedeu o sujeito. Paradoxalmente, a poeira da história se espalha indefinidamente sobre os territórios e em forma de cinza impregna a vida de qualquer sujeito. E sedimenta camadas que não deixarão a aniquilação ser esquecida, cria mártires, indivíduos assassinados pelas ideias de quem quer calar a força inventiva dos sujeitos. O aniquilamento coloca a dessubjetivação, de um lado, com um fim do sujeito, de outro, como encorajamento para se recomeçar, mas demarcadamente dentro de um discurso moral cristão, aquele do sacrifício de si, do suplício, aqueles saberes que servem não mais que ao próprio Estado para submeter, promover o ódio dos indivíduos sobre os outros que não agem conforme o regramento da tradição papai-disse, mamãe-obedece.



10. *A destruição real do sujeito.* Refere-se à morte em berço esplendido como experiência genocida do sujeito. Não se trata tão aviltantemente de silenciar ou apagar a condição de existência do sujeito. É a instrução social que leva o sujeito à destruição de fato, pondo fim a sua vida não apenas moral, mas também física. Promove-se um exercício de direito sobre a vida do sujeito que se volta à morte, assassinando-o diante de uma população inteira, processo social de dessubjetivação do outro por meio da mão de uma ditadura que instala a precariedade na vida dos sujeitos em termos de trabalho, saúde, educação, moradia, lazer, subsistências básicas que são retiradas do cidadão. Uma dessubjetivação política de direitos que mata o sujeito: mais barato extirpá-lo como um mal do que tratá-lo em suas subjetividades, que oferecem ameaça, uma ameaça de poder delirante, porque é totalitário.

11. *Transformação do sujeito e ressubjetivação.* Diante de todas as possibilidades de o sujeito se deteriorar, há ainda, e não haveria como não haver, a contingência de o sujeito sobreviver a todos os ataques que a dessubjetivação atira contra o sujeito. Vencendo os obstáculos político, sociais e históricos que coagem e buscam restringir a subjetividade do outro, o sujeito pode viver a experiência de uma dessubjetivação como uma transformação, uma mutação de si. A perspectiva de o sujeito se tornar o seu próprio objeto e fazer de si a obra de si mesmo é viável em um cenário de sobrevivência da guerra a favor da genoflexão do sujeito. Os coletivos e as lutas sociais nos mostram como as resistências aos facismos do dia a dia, sobretudo no campo das sexualidades implica o sujeito em uma evenementalização de si. Passada pela fúria do clima gélido social, o corpo vai se reaquecer a partir de escolhas adequadas ao modo de identificação do sujeito consigo, que se ressubjetiva, enfrenta um novo processo de



subjetivação. Essa nova confrontação com os procedimentos de subjetivação vão, agora, vestir o corpo e a conduta que o sujeito se vê tendo no espaço que ele quer ocupar. Portanto, dessubjetivar-se é também uma evidência de que o sujeito pode se tornar outro, fazer-se heterotópico, ocupar outros espaços e construir novos corpos para si. Que a dessubjetivação seja em nosso presente uma forma de governo de si, uma trabalho do sujeito sobre si mesmo, visando à prática de uma governamentalidade que não sacrifica o outro em nome do bem maior da população, mas constituiu uma população de subjetividades cada vez mais diversificadas, diversas e cuja diversidade seja tal qual a força primeira da dessubjetivação, sem limites.

DESSUBJETIVAÇÃO, DESSINGULARIZAÇÃO E RESSUBJETIVAÇÃO: UM TRABALHO SOBRE SI

O sujeito pode diversificadamente se materializar por meio de experimentações que o colocam em causa junto com uma gama variada de modos de ser e agir. O sujeito pode, então, ramificar-se em *processos de subjetivação*, salvaguardar suas identidades por meio da *produção das subjetividades*, desdobrar-se sobre si propiciando uma *auto-subjetivação*, ao enfrentar as imposições de se tornar aquele sujeito que se reconhece primeiro a si, antes de ser reconhecido pelo outro. Além disso, pode ser colocado em uma *empreitada de dessubjetivação*, despregando-se do sujeito que é dado a ver socialmente, construindo um outro sujeito bem diferente, nesse caso, portanto, *ressubjetivando-se*, ou se não resistir à esmagadora força exterior, pode acabar *dessingularizando-se* e chegar a ser exterminado como sujeito e o que restar de seu corpo físico, dado como inútil, desatinado e sem eco social produtivo. Em todas essas possibilidades



não temos como saber quando começa um tipo de processo e por que tipo de outro acabamento ele irá passar.

Não há limites estabelecidos entre as possibilidades de ser do sujeito. O que constato é o que sujeito é que é a nervura do tecido social que passa por um rede possível de condições para se estar na vida. Como indiquei acima, o sujeito se converte em pelo menos outras seis modalidades de se conduzir socio-historicamente, sendo que todas merecem sua atenção devida e um espaço para elaboração de seu funcionamento. De todo modo, neste momento, estou tratando apenas da constituição da empreitada de dessubjetivação e dos efeitos que ela pode produzir sobre o sujeito.

E o que me vem fortemente é o tema foucaultiano da descontinuidade. Ao colocar o sujeito nas interações com a história de forma descontínua, Foucault enuncia sua vontade de apontar a ruptura, de identificar as diferenças, dar saltos para frente e para trás na história, a fim de situar os modos de agir, lutar e se transformar do sujeito. É com Judith Revel, em seu *Foucault, une pensée de la discontinuité*, que entendemos o pensamento foucaultiano sob uma base dupla, aquela da descontinuidade que coloca o sujeito na árvore genealógica da vivência de seus acontecimentos, assim como reafirma a arqueologia da atitude crítica de Foucault em suas pesquisas. Para Revel (2010, p. 19), Foucault não se limita apenas a uma descontinuidade do pensamento para elaborar e reelaborar, como compreendo, a história, mas, ao contrário, se trata, já traduzindo do original em francês, de “um verdadeiro pensamento do descontínuo”.

O pensamento ativo descontínuo e as descontinuidades que ele provoca como efeito sobre o sujeito me parece ser a grande formação que abriga um tipo de linguagem que vai deslocando o sujeito dele mesmo.



A maneira que a descontinuidade refrata o sujeito foi apontada como dessingularizante por Foucault quando estudou a doença mental, em seu primeiro trabalho, *Psicologia e doença mental*, adentrando e apontando também na *História da Loucura* como o sujeito retirado de si, portanto, dessingularizado, com as subjetividades invadidas, se tornava alvo de um poder disciplinador. Nessa toada, a punição do corpo dos súditos pelos soberanos e sua estratégia em fazer morrer também faziam implodir o sujeito, em *A vontade da verdade* da *História da sexualidade*, do mesmo modo que o encarceramento não permitia ao sujeito, em *Vigiar e Punir*, exercer sua singularidade nas prisões. Instalado o exercício da dessingularização, a dessubjetivação seguia veia aberta jorrando sangue, vide os casos de como os códigos e práticas jurídicas, médicas, aterraram sujeitos como Pierre Rivière, em *Eu, Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, e Alexina Barbin, em *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*, conduzindo a uma morte atribuída a eles, quando, efetivamente, a morte emerge como assassinato do próprio estômago social.

Dessingularizar-se, no entanto, diante de uma massa discursiva e documental de acontecimentos históricos pode produzir, ainda, um trabalho ético para o sujeito, tomando a dessubjetivação a seu favor como uma prática de ressubjetivação. À medida que passa por mudanças, se transmuta em sujeito que não serve à ordem social, que obedece à ordem de um prazer interno a si, reinventa um sujeito, ressubjetiva-se enquanto o objeto pulsional interior é capaz de fundamentar sua própria vida. Hoje começamos a ver essa possibilidade estética de ressubjetivação se tornar a obra que ele próprio construiu e tenho me voltado a essa investigação no campo das sexualidades. Fazer de nossas vidas uma obra de arte, como problematizou Foucault em *O*



cuidado de si na *História da Sexualidade*, trata-se dessa reviravolta no modo da ressubjetivação. Seja no campo das decoloniaisidades, nos canteiros dos encarceramentos, nas vielas das disciplinas sobre as sexualidades, esobre essas veredas que a nossas investigações cabem pairar.

Acredito que a empreitada de dessubjetivação seja frutífera não para teorizar as condutas da vida; diferentemente, essa empreitada introduz o enfrentamento da ressubjetivação como mobilização dos prazeres de estar vivo face a um governo que convenha ao sujeito e que parta dele próprio na produção dos acontecimentos. Se assim agirmos, não mais trataremos do ataque da história sobre nossos corpos, mas de nossos corpos para a revalidação de uma nova história, uma nova história outra, atos políticos que convergem em direção a um si político.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. *La experiencia interior*. Seguida de Metodo de meditacion y de post-scriptum 1953. Versión castellana de Fernando Savate. Madrid: Taurus Ediciones, 1973.

BLANCHOT, M. *A conversa infinita*. Vol.2- A experiência limite. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Editora Escuta, 2007, p. 183-222.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. A vida: a experiência e a ciência. In: MOTTA, M.B. (org). *Ditos e Escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 352-66.



FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974- 1975). São Paulo: Martins Fontes. 2001a, p. 43-58.

FOUCAULT, M. Aula de 7 de janeiro de 1981. In: FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2016, p. 3-23.

FOUCAULT, M. Criação, Procriação. In: **História de Sexualidade IV. As Confissões da Carne**. Tradução Miguel Serras Perreira. Lisboa: Relógio D'água Editores. 2019, p. 21-64.

FOUCAULT, M. **Herculine Barbin dite Alexine B**. Paris: Gallimard, 1978.

FOUCAULT, M. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 15-37.

FOUCAULT, M. O pensamento do exterior. In: MOTTA, M.B. (org). **Ditos e escritos**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b, p. 219-242.

FOUCAULT, M.; TROMBADORI, D. Conversa com Michel Foucault. (Entrevista de Duccio Trombadori com Michel Foucault, fim de 1978, publicado em 1980). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Repensar a política. MOTTA,



Manoel Barros da (Org.). Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 289-347.

FRACKOWIACK, M. Signe, discipline, dé-subjectivation, Rousseau avec Foucault. In: BRUGÈRE, Fabienne; LE BLANC, Guillaume; SPECTOR, Céline; TERREL, Jean. (orgs). **Foucault et les Lumières**. Revue Lumières, N° 8. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2006, p. 123-140.

KLOSSOWISKI, P. **Nietzsche y el círculo vicioso**. Tradução de Roxana Páez. Colección Caronte Filosofía dirigida por Carlos Torres. Editorial Altamira: Buenos Aires, 1995.

MILANEZ, N. **A dessubjetivação de Dolores**. Escritas de discurso e misérias do corpo-espço. Linguagem. Estudos e Pesquisas (UFG), v. 17, 2013, p. 369-389.

MILANEZ, N. **Dessubjetivação e corpo**. (Vídeo didático-pedagógico; edição e montagem Matheus Vieira). LABEDISCO: Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2019.

MILANEZ, N. O corpo de Alexina Barbin: escrita e audiovisualidades de si com Michel Foucault. MILANEZ, Nilton; NASCIMENTO, Rebeca; SANTA BARBARA, Urania (orgs.). **Temas de pesquisa: o corpo e suas extensões no discurso**. Feira de Santana: Edições Labedisco, 2018, p. 9-24.

REVEL, J. **Foucault, une pensée d'aujourd'hui**. Paris: Mille et un nuits, 2010.

TROMBADORI, D. **Colloquicon Foucault**. Pensieri, opere, omissioni dell'ultimo maître-à-penser. Roma: Castelvecchi, 2005.